

O ENSINO DA GRAVURA DE ARTE NO PARANÁ

ANDRADE, Vania Maria da Silva – Escola Ecumênica-PR
vaniafabio@hotmail.com

TORRES, Renato – UTP – PR
torresrenato@yahoo.com.br

Área Temática: Educação - História e Políticas

Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma pesquisa realizada sobre o histórico do ensino da gravura no Estado do Paraná desde seu início, quando ainda estava atrelada aos avanços da imprensa e da tipografia no século XIX até a década atual. Nesta trajetória de desenvolvimento da Arte no Paraná destacam-se alguns fatos, tais como: as diversas dificuldades das instituições de ensino; a relevância das oficinas litográficas dos primeiros jornais paranaenses, onde os artistas começaram a produzir gravura; o movimento adiantado do litoral do Estado com a relação à cidade de Curitiba; a importância do ensino não formal na formação de diversos artistas e o ápice da gravura no Paraná com as Mostras de Gravura da Cidade de Curitiba que alcançaram repercussão nacional. Esta investigação visa enriquecer a formação do professor de Artes, pois existe uma escassez de material publicado sobre o assunto e ainda há muito que se pesquisar, visto que alguns artistas responsáveis pelo desenvolvimento do ensino da arte ainda não possuem um registro histórico compatível com a sua importância. Desta forma, esta pesquisa busca trazer a história da gravura para as aulas de artes das escolas de ensino básico destacando elementos que podem ser aprofundados e discutidos com os alunos, além de estimular a prática da técnica. Como conclusão tem-se que a escola é o espaço adequado para a divulgação da história da arte paranaense, aproximando os artistas do público e permitindo aos alunos experimentar uma prática artística que os conduza a enxergar a arte como uma possibilidade de expressão.

Palavras-chave: Educação; História da Arte-Educação; Gravura.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar os resultados de uma investigação sobre a história do ensino da gravura de Arte no Paraná, bem como os avanços desse ensino em relação às possibilidades técnicas de execução da gravura. Para tanto, buscou-se realizar um levantamento do histórico do ensino da gravura no Paraná, englobando as dificuldades iniciais e as respectivas superações ao longo do desenvolvimento da Arte no estado do Paraná.

O interesse por essa investigação surgiu a partir da experiência prática realizada no ateliê de gravura da Universidade Tuiuti do Paraná, e da vontade de levar esse conhecimento para as aulas de Artes nas escolas. Nesse sentido, o estudo apresentado pretende contribuir para a formação dos professores de arte, destacando elementos que podem ser aprofundados e discutidos com alunos da Educação Básica.

Inicialmente a técnica de gravura estava aliada ao avanço da imprensa. Entretanto, a continuidade da prática da gravura de artes deve-se ao ensino das artes, ou seja, aos artistas que se interessaram em pesquisar e formar uma nova geração de gravuristas. A grande maioria dos artistas paranaenses teve uma produção, por mínima que seja, em gravura. Porém alguns se dedicaram em pesquisar e em difundir as técnicas de gravação e impressão.

A gravura teve seu momento de destaque na história da arte do Paraná principalmente na década de 80, quando começaram as Mostras de Gravura da Cidade de Curitiba, as quais ocasionaram repercussão nacional. Tal reconhecimento não se deu por acaso, foi fruto do trabalho árduo de artistas que estavam preocupados com a educação e com o desenvolvimento da Arte no Estado.

Primeiros passos da Gravura de Arte no Paraná

O início da gravura no Paraná associa-se mais aos primeiros jornais publicados do que a história da educação. Esse fato deve-se ao surgimento das primeiras oficinas litográficas destinadas a suprir uma demanda comercial local. Nestas oficinas os artistas aproveitavam para realizar seus experimentos na arte da gravura, já que não havia ateliês aparelhados para realizar a técnica.

Segundo Dulce Osinski (1998), a própria história da educação no Paraná começa a destacar-se somente a partir da segunda metade do século XX, com o avanço da economia, resultante da Emancipação Política em 1853. Antes de tal evento, haviam as dificuldades de comunicação e acessos, devido à falta de estradas que não facilitavam a comunicação com os grandes centros (Rio de Janeiro e São Paulo). Somente a partir de 1827 que o governo do Paraná começou a preocupar-se com educação, mesmo que de forma ainda precária, faltando estrutura física, financeira e profissional. Muito lentamente, foram criadas escolas públicas e privadas, como o Liceu Paranaense e o Grupo Escolar Francisco Xavier da Silva.

Com o ensino das artes, o processo deu-se igualmente lento, dependendo de personalidades interessadas em desbravar um campo fértil, mas com inúmeras dificuldades. As manifestações artísticas resumiam-se normalmente à música e aconteciam informalmente, entre as famílias que se organizavam para divertimento (OSINSKI, 1998).

O ensino das artes visuais por muito tempo manteve-se nesta informalidade, dependendo de pessoas que se propusessem a transmitir seus conhecimentos artísticos em casa. Esta dificuldade em oficializar o ensino da arte de qualidade nas escolas existe ainda hoje, com as devidas proporções. Enquanto a música e o teatro ampliavam seus espaços, as artes plásticas caminhavam vagarosamente. O início do ensino de Artes Plásticas no Paraná está relacionado a nomes como João Pedro “O Mulato”, que pintou aquarelas retratando a cidade em 1807 (OSINSKI, 1998). O miniaturista Francisco Virmond chegou em 1853 e lecionava desenho e pintura. A americana Jessica James e sua filha Willie James organizaram um colégio para moças onde se ensinava desenho e pintura. (BINI, 1986).

Em 1854, Cândido Martins Lopes fundou o primeiro jornal paranaense, o *Dezenove de Dezembro*, e seu sonho, porém, não realizado, era fundar a primeira tipografia Paranaense (LEITE, 2004). De acordo com Leite (2004), muitos litógrafos europeus passaram por Curitiba, no fim de século XIX e início do século XX, devido ao início da expansão da imprensa no Estado.

Percebe-se que o litoral já possuía um movimento em torno das artes plásticas mais adiantado que o da capital, devido à movimentação dos tropeiros. Em 1884, chegou a Curitiba o pintor e cenógrafo português Mariano de Lima, aos 23 anos. Ele foi convidado para pintar os painéis do Teatro São Teodoro (BINI, 1986).

O fato mais importante para as atividades artísticas curitibanas ocorreu com a vinda do cenógrafo e pintor Antonio Mariano de Lima, que resultou na fundação da *Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná*, em 22 de Julho de 1886. Obedecendo aos modelos da Academia Imperial do Rio de Janeiro, a Escola divulgou o ensino acadêmico e adotou o sistema de premiações. Possuía os cursos de línguas e ciências, música, desenho, arquitetura, gravura (aparentemente não funcionou por falta de professores), escultura, pintura e artes industriais (BINI, 1986, p.41).

O Presidente da Província Visconde de Taunay incentivou-o a fundar esta Escola de Artes e Indústrias, apesar das inúmeras dificuldades econômicas (OSINSKI, 1998).

De acordo com Leite (2004), Mariano de Lima (1858-1952) foi o primeiro professor de litografia e xilogravura do Paraná. Em 1889, o desenhista e litógrafo catalão Narciso Figueiras foi convidado a lecionar caligrafia. Figueiras havia fundado em Curitiba, em 1887, a sua Litografia do Comércio. Segundo Osinski (1998, p.191):

O fato de o mesmo estar responsável por uma disciplina não diretamente ligada à sua área específica, confirmado em documento de nomeação do próprio Lima, não deixa de ser intrigante, mas talvez se justifique pelo curso de Gravura ter dificuldades, provavelmente materiais, de entrar em funcionamento.

Supõe-se também um provável convênio entre a Escola de Artes e Indústria e a oficina de litografia de Figueiras. Este parece ser o primeiro registro da gravura no ensino das artes no Paraná (OSINSKI, 1998). A Escola de Mariano de Lima prosperou, aumentando significativamente o número de alunos, o que acarretou na ampliação do corpo docente. Mesmo com as devidas ampliações na escola o ensino continuou gratuito, pois, Mariano de Lima pretendia atender a todos, sem distinção. Essa decisão demonstrava uma contrapartida à Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, que se dedicava a atender uns poucos privilegiados (OSINSKI, 1998).

Devido ao destaque da Escola de Mariano de Lima, foi adquirida nova sede e foram realizadas importantes exposições com direito a prêmios e publicações, como o jornal “*A Arte*” (OSINSKI, 1998). Estas movimentações foram importantes para impulsionar o ensino de Arte, que ainda caminhava em passos lentos, e que só vai tomar velocidade a partir da década de 1940.

Com a mudança do nome para Escola de Belas Artes e Indústrias, em 1889, acontece também uma mudança no currículo, que em 1890 passa a basear-se no currículo da Escola Nacional de Belas Artes (RJ), com especializações em Música, Desenho Artístico, Arquitetura, Escultura, Pintura e Gravura, nos moldes clássicos. Entretanto, o curso de Gravura, nunca se efetivou. A partir destas oficializações, os alunos da Escola puderam concorrer a bolsas de estudo no Rio de Janeiro e Europa, como por exemplo, a bolsa de estudos cedida a João Zaco Paraná. Estas bolsas de estudo proporcionaram uma repercussão positiva no meio artístico paranaense, estimulando a produção artística local.

O reconhecimento da escola era público e notório, porém, as dificuldades financeiras afetaram a instituição. Junto a essa crise aconteceram ataques da imprensa, vindos principalmente de Paulo d’Assumpção. Tais fatos desencadearam um período de decadência

da escola (OSINSKI, 1998). Lima deixou Curitiba em 1902 e a escola ficou a cargo de sua esposa, Dona Mariquinha, que a transformou em Escola Profissional Feminina e em 1933 mudou para Escola República Argentina. Em 1992, passa a se chamar Centro de Artes Guido Viaro, e altera totalmente o programa de ensino anterior (OSINSKI, 1998).

Com a chegada do artista Alfredo Andersen à Curitiba, a história da arte na capital toma novos rumos e o considerado “Pai da Pintura Paranaense” deixa discípulos notáveis. Em 1909, o pintor e professor de pintura norueguês Alfredo Andersen foi convidado a lecionar na Escola de Artes e Indústrias. Andersen já dava aulas particulares em sua própria casa (onde hoje funciona o Museu Alfredo Andersen, em Curitiba), na escola Alemã e no Colégio Paranaense. Foi responsável pela formação de diversos artistas paranaenses e sempre quis ter uma escola de artes, porém não conseguiu concretizar o sonho, devido a promessas políticas não cumpridas e falta de verbas. (OSINSKI, 1998).

Diversos discípulos de Andersen, tais como: Frederico Lange de Morretes, Estanislav Traple (litógrafo profissional) e Rodolfo Doubeck deixaram litografias datadas da década de 1910, sendo consideradas as primeiras gravuras com intenção artística no Paraná (LEITE, 2004; BORGES e FRESSATO, 2008), apesar de diversos litógrafos europeus já terem se estabelecido no estado anteriormente. Porém, até então, a gravura e mais especificamente a litografia, estavam mais associadas à ilustração e à imprensa do que às artes plásticas.

Segundo o depoimento de Violeta Franco para a Casa da Gravura (1982), “a década de 1920 foi da mais alta importância para as artes gráficas do Paraná”, quando diversos profissionais estrangeiros influenciaram o avanço da ilustração paranaense, destacando nomes como Mário de Barros (Heronio) e Aureliano Silveira (Sylvio), que se especializaram em xilogravura e litografia na Escola de Mariano de Lima.

Mas é somente na década de 1940 é que a gravura se firma como linguagem puramente artística. Antes a técnica ainda se destacava a serviço da imprensa, da “reprodutibilidade” (BENJAMIN, 1994). Os artistas que trabalhavam nas oficinas produziam ilustrações e a gravura de arte reduzia-se a raras produções.

O pintor italiano Guido Viaro chegou a Curitiba na década de 30 e tornou-se um divisor de águas na história da arte no Paraná, não só como artista, mas também como defensor do ensino da arte. Criador da primeira Escolinha de Arte do Brasil em 1937 e um dos professores-fundadores da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, em 1948, (DASILVA,

1992) foi um artista atuante no ensino da arte. Empenhou-se não só na formação artística de crianças, mas também promoveu cursos para professores.

Desenvolveu técnicas peculiares nos trabalhos de gravura e influenciou diversos futuros gravadores, tais como: Nilo Previdi, Loio Pérsio, Violeta Franco e Fernando Calderari. Seu temperamento tempestuoso e autodidata é identificado pela forma como se atira à técnica para descobrir-lhe as possibilidades. Como lembra Violeta Franco (1992, citada por JUSTINO, 2007, p. 161):

Viaro dentro daquela não escolaridade, não tendo feito a chamada 'cozinha da gravura', não tendo ido a um Liceu onde aprenderia os detalhes e minúcias da gravura, luta diretamente com a placa, colocando-se inteiramente nela, desafia, descobre o material e o que este pode lhe oferecer e no final encontramos como resultado uma gravura de excelente nível, gravura mesmo, não uma reprodução de desenho.

Viaro não se incomodava com a situação precária, fez a arte acontecer e fez com que seus discípulos conhecessem gravura a seu jeito. Como verificamos nos depoimentos de alguns de seus alunos, não havia prensas para o uso da gravura em Curitiba e Viaro improvisou com prensas de padaria. Até a madeira para xilogravura era aproveitada de armários (DASILVA, 1992). O ensino de gravura de Arte necessita de conhecimento específico, entretanto, mais que dominar a técnica, era necessário estimular a pesquisa de forma que proporcionasse aos alunos o desenvolvimento de uma linguagem artística pessoal e original.

Outro grande nome da década de 40 e de igual importância para a arte paranaense é Napoleon Potiguara Lazzarotto (1924-2003). Poty estudou gravura no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, com Carlos Oswald. Em 1946, recebe uma bolsa e cursa litografia na França. De volta ao Brasil, ministra cursos de gravura em São Paulo. Suas obras (pinturas, murais e gravuras) tiveram repercussão internacional (LEITE, 2004).

Junto com Viaro, Poty participa da publicação da Revista Joaquim, atuando como ilustrador, até 1948. Essa revista teve enorme importância para a arte e para a cultura paranaense (LEITE, 2004). Mais uma vez a gravura e a imprensa estão associadas, mas agora é a imprensa que está a serviço da valorização da arte, fato esse verificado na repercussão artística que esta publicação conseguiu.

Neste mesmo ano, o artista gravador Gunther Schirz ministra cursos de gravura na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Em 1949, Poty ministra cursos de gravura em Curitiba tendo como alunos Emma Koch, Nilo Previdi, Alcy Xavier e Violeta Franco. Esta última formou o ateliê livre denominado “Garaginha”, onde se reuniam jovens artistas pesquisadores (LEITE, 2004).

Alguns artistas que freqüentaram os cursos de gravura de Poty formaram o Clube de Gravura do Paraná, dentre eles: Violeta Franco, Alcy Xavier, Nilo Previdi e artistas como Loio Pérsio e Fernando Veloso. O Clube com sede no subsolo da EMBAP (BORGES e FRESSATO, 2008), seguia os moldes do Clube da Gravura de Porto Alegre (movimento que começou em 1950) e contava com Carlos Scliar como mentor, recém vindo da Europa. Ambos os grupos mantinham a mesma posição estética do Realismo Social. O Clube se extinguiu mais tarde com a dispersão dos integrantes: Loio Pérsio foi para o Rio de Janeiro e Violeta Franco foi para São Paulo (FRANCO, 1982).

O Clube da Gravura, do qual Nilo Previdi foi um dos fundadores e teve participação ativa, foi transformado em ‘Centro de Gravura’ no ano de 1951 e dirigido por Previdi durante cerca de quinze anos (FRANCO, 1982). Previdi estudou gravura em metal com Poty, porém, foi autodidata em xilogravura. Fez do Centro um ponto de encontro e de formação para artistas e intelectuais. Por lá passaram importantes artistas, como: João Osório Brezinski, Fernando Calderari e Juarez Machado (FRANCO, 1982).

Segundo Ferreira (2006), ainda em 1951, a Embap contrata um professor de gravura, o artista alemão Günter Shierz, porém, este “deixa poucos seguidores em sua rápida passagem pelo magistério artístico” (2006, p. 282).

A Galeria Cocaco foi outro marco na Arte Paranaense, inaugurada em 1957 por Ennio Marques Ferreira e Manoel Furtado, promove novas tendências, como por exemplo, o movimento Renovação Cultural, liderado por Fernando Veloso (LEITE, 2004).

Ennio Marques Ferreira, já no departamento de Cultura, concede a Fernando Calderari uma bolsa de estudos para o Atelier do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, onde o artista adquire valioso conhecimento sobre gravura, principalmente pelo contato e convívio com Edith Behring e De Lamonica. O conhecimento adquirido é transmitido mais tarde aos alunos do Ateliê Poty, criado em 1964 pela Secretaria de Cultura. Calderari posteriormente é substituído pela artista Gilda Belzalc, que também se especializou em gravura (metal) no ateliê do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (FRANCO, 1982; FERREIRA, 2006).

"[...] O atelier Poty Lazzarotto se torna o mais importante espaço especializado em gravura em Curitiba. Ali o gravador José Assumpção Souza, do atelier de Gravura do MAM-RJ, administrou um curso de gravura em metal de elevado nível técnico" (FERREIRA, 2006, p. 283). Segundo Ferreira (2006), cinco anos mais tarde, surge uma tentativa de disseminar esse conhecimento pelo interior do estado do Paraná:

O projeto de interiorização denominado Tempo de Cultura, lançado em 1969 pela Secretaria de Estado da Cultura, elege a xilogravura como uma de suas atividades mais representativas. Coordenados por Gilda Belczac e com a supervisão de Calderari, são realizados cursos rápidos que apresentavam surpreendente resultado, nas cidades de União da Vitória, Guarapuava, Ponta Grossa, Palmas (com a participação de crianças índias) e Maringá. (FERREIRA, 2006, p. 283).

Ennio Marques Ferreira destaca a década de setenta como outro divisor de águas na arte e cultura paranaense, dando os devidos méritos aos órgãos públicos por divulgar e promover tal arte:

De modo análogo, ocorreu idêntico fenômeno com a gravura desde a implantação, em 1978, pela Fundação Cultural de Curitiba (órgão vinculado à Prefeitura), da Mostra Anual de Gravura e a posterior instalação da Casa da Gravura no Solar do Barão. Registrou-se, a partir de então, um tal interesse por parte dos artistas gráficos, a ponto de Curitiba se transformar em um dos núcleos mais respeitados de gravura do país. Cabe à Fundação Cultural de Curitiba um papel significativo nesse esquema de serviços e de apoio aos artistas jovens e ao público, cujo alcance ultrapassa em muito a abrangência do município. Entre outras são suas unidades, o Museu Guido Viaro com seu atelier livre e suas atividades afins; o Centro Cultural São Lourenço, em cujo parque acha-se instalado um dos mais completos ateliês de escultura do país; e a bem aparelhada Casa da Gravura, responsável pelo desenvolvimento técnico-artístico de todos os novos gravadores (FERREIRA, 1986, p. 122).

Também sobre os anos setenta, o artista plástico e designer Ivens Fontoura destaca diversos encontros, cursos e eventos promovidos por variadas instituições. Dentre estes, os Encontros de Arte Moderna, que duraram aproximadamente uma década, começando em 1969. O quinto encontro contou com a participação da gravadora Ana Bella Geiger que desenvolvia “uma prática de âmbito conceitual, vivencial e ‘arte povera’, por meio de gravações na terra e gravuras com carne junto a um grupo de artistas locais” (FONTOURA, 1986).

Em 1973 é fundado o Centro de Criatividade de Curitiba, dirigido por Calderari e Elvo Damo, posteriormente Violeta Franco e Rosane Schogel. Conforme Antonio (1998, p. 19), no

Centro de Criatividade, mesmo os alunos da Embap tiveram a oportunidade de ampliar o conhecimento técnico da Litogravura. O trânsito pelas duas instituições se deve a uma proximidade entre os alunos e Caderari que era o professor de gravura da Embap.

No Centro de Criatividade de Curitiba, diversos cursos de destacada importância foram realizados, tais como o de Orlando Dasilva, o do gravador gaúcho Danúbio Gonçalves em 1976 e o de litografia e impressão litográfica de Sônia Tossati da Rosa. Pelo Centro passaram inúmeros artistas, tais como: Uiara Bartira, Sandra Correa, Denise Roman e Mazé Mendes (FRANCO, 1982).

No ano de 1978, acontece a primeira edição da Mostra da Gravura da Cidade de Curitiba, que adquire repercussão internacional. Segundo Ferreira (2006), a Mostra:

[...] Conta com o prestígio dos setores ligados às artes plásticas do MEC e a imprescindível adesão dos mais importantes gravadores brasileiros. Dessa forma, a nossa cidade, durante trinta dias, se transformaria no principal núcleo de irradiação da arte da gravura no país (2006, p. 277).

O sucesso da Mostra garante as edições posteriores. Por ocasião da III Mostra da Gravura de Curitiba, é criada a Casa da Gravura, que passa a funcionar no histórico prédio do Solar do Barão.

Dois anos após sua criação, a Casa da Gravura instalada nas dependências do Solar do Barão tem seu acervo de aproximadamente 149 gravuras, a estas 149 obras, o acervo conta com 1 lote de gravuras de Poty Lazarotto. Realiza um levantamento dos artistas gravadores do Brasil, conta com mais de 100 depoimentos, entre outros trabalhos (FRANCO, 1982).

A Casa da Gravura abriga, a partir de 1989, o que Leite (2004) considera “o primeiro museu brasileiro e um dos poucos do mundo exclusivamente dedicado à gravura - o Museu da Gravura”. O Museu da Gravura passa a sediar no Solar do Barão em 1981, tornando-se um ponto de encontro e de discussão sobre gravura. Diversos artistas são convidados para dar cursos e o objetivo era divulgar a gravura, não só formar artistas.

As Mostras da Gravura, inicialmente eram anuais e mais tarde foram transformadas em Bienal Pan-Americana da Gravura. De acordo com Borges e Fressato (2008):

Além da Mostra, o mais interessante era a realização de seminários, palestras e cursos, tanto que, acompanhando a *I Mostra*, realizou-se o *I Seminário de Gravura de Arte*, com reedição na *VIII Mostra* em 1988. No entanto, a mais decisiva foi a *X Mostra*, que a partir de então passou a denominar-se *Mostra da Gravura Cidade de*

Curitiba / Mostra América, em 1992, comemorativa de 300 anos de Curitiba e 500 anos de América (2008, p. 104).

Entre 1999 e 2000 diversas questões são postas em discussão, tornando-se se um importante espaço de divulgação. Na edição de 2000 é lançado o livro catálogo *Marcas do Corpo, Dobras da Alma* (LEITE, 2004). Em seguida a mostra se extinguiu.

Os avanços das discussões e das produções em Gravura no Estado do Paraná impulsionam a criação de um Curso de graduação específico em Gravura, na Escola de Música e Belas Artes do Paraná - Embap. Conforme Antonio (1998, p. 3), "somente na década de 90 a Escola de Belas Artes do Paraná passa a oferecer um curso superior de Gravura". Desde então a gravura tem o seu lugar garantido no ensino das artes, podendo ser explorada em todas as suas possibilidades, descobrindo novos materiais, aprofundando na poética dos artistas e diversificando as técnicas.

Considerações Finais

Muito se tem a pesquisar sobre a história da gravura no Paraná e sobre seus artistas. Diversos nomes de destaque para o desenvolvimento artístico no estado ainda não possuem um registro histórico compatível com sua importância. Um exemplo é Nilo Previdi, que dirigiu o Centro de Gravura por tantos anos e não possui um estudo aprofundado sobre sua produção.

O ensino da gravura de arte aconteceu por meio do ensino não formal até meados da década de 80, momento em que professores passam a discutir possibilidades de avanços para o ensino da arte. A partir da LDB 9394 de 1996, formas alternativas de ensino da gravura passam a ser incorporadas ao ensino da arte formal, embora ainda de forma tímida e sem estudos aprofundados.

Nesse sentido, a escola pode ser uma das responsáveis por divulgar o trabalho destes artistas-gravadores, aproximando-os do público e permitindo aos alunos experimentar uma prática artística que os conduza a enxergar a arte com outros olhos, como por exemplo, a possibilidade de expressão.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, Ricardo Carneiro. **A formação de artistas gravadores em ateliês livre - anos 80 - em Curitiba**. Monografia, especialização em história da arte, EMBAP, Curitiba, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORGES, Eliana; FRESSATO, Soleni Teresinha Biscouto. **Arte em seu Estado: história das Artes Plásticas do Paranaense**. Curitiba: Medusa, 2008.

BINI, Fernando. A. I. Paraná tradicional. In.: Justino, M. J. **Tradição contradição**. Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte: Curitiba, 1986.

DASILVA, Orlando. **Viaro, uma permanente descoberta**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1992.

FERREIRA, Ennio Marques. Das estruturas aos artistas. In.: Justino, M. J. **Tradição contradição**. Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte: Curitiba, 1986.

_____. 40 anos de Amistoso Envolvimento com a Arte. Curitiba: Fundação Cultural, 2006.

FONTOURA, Ivens. Explosão criativa durante os anos setenta. In.: Justino, M. J. **Tradição contradição**. Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte: Curitiba, 1986.

FRANCO, V. **Depoimento para o Centro de Pesquisa**. Casa da Gravura – Solar do Barão. Curitiba, 1982.

JUSTINO, Maria. J. **Guido Viaro, um visionário da arte**. Curitiba: Museu Oscar Niemeyer – MON, 2007.

_____. **Tradição contradição**. Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte: Curitiba, 1986.

LEITE, J. R. T. **Gravuras do Paraná**. São Paulo: D’Lippi Comunicazione, 2004.

OSINSKI, Dulce. R. B. **Ensino da arte: os pioneiros e a influência estrangeira na arte-educação em Curitiba**. Dissertação UFPR. Curitiba, 1998.